



Hypnos, deus grego do sono, bronze, Século IV a.C.

Investigação Sonhos

2007/2008

EXPERIMENTAÇÃO COM O NÍVEL DO SONHO

Este trabalho não parte de nenhuma tese, mas da necessidade de sintetizar e ordenar experiência de tentar incursionar no nível do sono, para aprender a sonhar com o que se quer sonhar.

Retoma a proposta de dirigir os sonhos, apresentada nos materiais de escola, que dão enquadre à investigação prática. Nestas referidas notas também são mencionados os casos que constituem antecedentes históricos de incursões no nível de sono.

Aqui se aportam antecedentes históricos adicionais com base em diferentes autores, principalmente, na recompilação realizada no século II por Artemidoro de Éfeso.

Em seguida se descrevem as circunstâncias em que surge o interesse pelo mundo onírico, os procedimentos utilizados para incursionar intencionalmente nele esquivando as dificuldades que apresenta, principalmente os rebotes posteriores de sonho em vigília. Se explica a maneira utilizada para fixar a intenção com que se entrará ao nível de sono, trabalhando em base a copresenças que se fixam no campo de presença e que têm forte carga afetiva; como este interesse fixado pode ser recordado durante o transcurso da noite e a forma de anotar os sonhos sem chegar a despertar.

A experimentação tem permitido detectar um “olhar” que observa as sequências oníricas e que dá uma qualidade diferente para os sonhos, com relação ao sono habitual mais pesado e vegetativo. Esse olhar é o que vai buscando as imagens coincidentes com o interesse fixado, enquanto que a carga afetiva é a que dispõe à consciência a sonhar na direção formulada. Assim vão se observando as sequências oníricas que servem de base nas traduções de distintos impulsos, nas sensações e nas recordações, servindo ao propósito determinado.

A tentativa de dirigir os sonhos tem resultado num trabalho que não é compositivo, mas de orientação, de direção mental, de apontar com força para o que se quer, o que se necessita, sonhando com os conteúdos que a consciência vá encontrando entre o que tem a disposição.

Também se resgatam observações adicionais que, ainda que não constituem o foco central da experimentação, resultaram em compreensões de interesse. Por exemplo, que todos os dados de memória estão presentes em todos os níveis de consciência; que se pode acessar desde o sonho aos registros gravados desde outros níveis; que é possível estabelecer novas relações entre os dados já guardados em memória, aprender nos sonhos, integrar, resolver; que a construção interna vá tomando forma em todos os níveis de consciência; que pelas características do nível de sono, se pode apreciar com facilidade a posição das imagens nas coordenadas do espaço de

representação. Se tem constatado que a carga afetiva dá direção aos processos mentais independentemente do nível de consciência; que as copresenças têm poderosas cargas afetivas e orientam a consciência nessa direção; que um propósito requer dessa carga afetiva para poder operar.

Anotam-se considerações referidas à interpretação dos sonhos e se conclui enunciando possíveis linhas de trabalho a futuro. Estas poderiam dar continuidade ao que foi feito antigamente com os sonhos (cura, adivinhação, incubação, interpretação) ou então orientar-se em novas direções suscetíveis de levar-se adiante, inclusive em equipe.

No anexo 1 está a matéria prima da investigação de 15 meses, com os sonhos anotados e classificados. O anexo 2 dá conta de sonhos nos quais deixam seus rastros cada um dos passos disciplinários.

Em resumo, este trabalho – definido nos materiais de Escola e apoiado em alguns antecedentes históricos – toma a experiência de incursionar no nível de sono para aprender a dirigir os sonhos, descrevendo os procedimentos que o tornaram possível e anotando algumas das compreensões que foram aparecendo.

É uma experimentação que corresponde a um momento de processo (Terceira Quaterna e primeiros meses de Ascesis) no qual se aproveitou de criar um nuevo hábito ao dormir: o de dirigir os sonhos para um interesse definido.

Outubro 2008

1.- ENQUADRE

Dos materiais de Escola, as seguintes notas sobre o Sonho enquadram a investigação:

“Existem várias formas de dirigir os sonhos. Para manejar o sonho e sonhar o que se quer, é preciso fazer um trabalho sistemático. O tema é começar. Este trabalho não se recomenda devido aos problemas compensatórios.

Meter-se no sonho é uma anormalidade, é o mesmo que meter sonho na vigília. O preço que se paga é que há rebotes do sonho em vigília, conteúdos oníricos se metem na vigília, aparecem imagens, alucinações.

Com a plasticidade que tem o sonho pode-se chegar a lugares distantes, voar, é um pouco mágico. Este é o treinamento clássico.

Convém iniciar pelos modos simples para aprender e vamos tomando a mão até que cada um possa manejá-lo sozinho. Uma coisa é resgatar sonhos e anotá-los e outra coisa é induzi-los (produzi-los). Você pode encontrar com “respostas” de outro lado. Meter-se no sonho leva a aprender sobre si mesmo.

O mais interessante são: os “sonhos produzidos”, manejar os sonhos.

Deve-se meter no sonho e produzir as imagens que se deseja.

Procedimentos

Não convém despertar muitas vezes, 2 ou 3 vezes é suficiente para uma sessão. Não deve realizar mais porque altera muito. Depois deve-se descansar suficientemente.

Para favorecer o resgate dos sonhos, deve ser incômodo, para levar para “cima” a “pesca” do sonho.

Esse desconforto (pouca roupa, sem travesseiro, etc) fazem que sonhes leve, te dorme e te desperta e aí vai, no “dorme vela”.

O sono vegetativo é muito profundo e não te recordas.

O sonho não tem manejo vigília, ao contrário, ele que te leva, por isso tens que ter a imagem carregada, o propósito, a direção que quer dar ao sonho. É o mecanismo dos “aforismos”, é o mecanismo do “pedido”, é uma força extraordinária. Esse esforço de ir para cima, mas inverso, é o onírico, o alucionatório. Ir ao sonho com uma pergunta, com um problema a resolver. Há que carregá-lo antes o pedir ao guia inspiração para uma situação. No sonho dirigido existe uma direção, ou seja, de alguma maneira estão se metendo mecanismos de reversibilidade que não tem o sonho normalmente.

São esses níveis, os sugestivos, os que tem outros significados. Pode-se contactar com outro nível mais além da vigília, também podes ter aptidão para manejar os baixos níveis, já que na Ascesis vais para acima e nela se estão fazendo esforços para conectar com outro plano, sem produzir imagens, porque se fode tudo, a não ser mais além das imagens e da representação, então também no plano baixo pode-se conectar e dirigir.

O “sonho dirigido”, é sonho no qual se operam imagens projeto elaboradas em vigília e que são introduzidas no sonho mediante prática.

Como hipótese, vamos trabalhar na clareza de imagens em vigília, com relação ao “propósito”, tratando de levá-lo ao sonho e ao levantarmos retomá-lo, inclusive no estado intermediário do “dormevela”

Por exemplo:

Entrada no Paraíso, como jardins, om seres alados e luminoso, voando mais além até as fontes luminosas nas quais a luz tranforma em “bondade” (paz, força e alegria) sendo insuflado por inspiração que te acompanha na vida cotidiana (“mundo material”).

Nos interessa a dinâmica, a potência do sonho.

Contextos históricos

Os antigos diziam que no sonho podes ver coisas que não se podem ver na vigília. Sabiam que o sonho comum deforma e diziam que esse sonho saída do “corno de nácar” e não havia que segui-lo. Existem outros sonhos que saem do “corno de Tor” o “sonho premonitório” que revela coisas, ou onde se compreende algo interessante, ou se obtém conhecimentos, etc. Estes eram os “sonhos verdadeiros”.

Os adivinhos, tinham sonhos verdadeiros, os oráculos, as pitonisas, tinham uns sonhos inspirados, induzidos artificialmente, muitas vezes com gases ou bebidas tóxicas. Mas isso não interessa, é melhor manejá-lo com a cabeça e que te entregue informação interessante.

Históricamente conheceu-se uma indução hipnótica.

Esta chegou a ser uma técnica de inspiração para entrar em transe. Uma pessoa colocava-se a dormir e o outro apertava-lhe o peito suavemente – inalar e exalar – trabalha-se guiando ao sujeito, contactando tátilmente entre mestre e discípulo, mas o sujeito não dirigia o sonho, mas sim era induzido pelo guia.

Por ejemplo:

Agora está vendo um dragão, etc;...era uma indução hipnótica e a se lhe iam induzindo imagens desde fora. Isso é possível. Alí metiam-se os odores, se lhe sugería que fosse caminhando por um jardim, e se cheirava fragancia de rosas, etc. Inclusive no sono profundo podiam infiltrar-se essas imagens.

É a mesma época de Mary Shelley e Lord Byron (aonde aparece o mesmo argumento: Frankenstein ganha vida, passa a andar por si mesmo) e os experimentos com a electricidade, de Voltaire. É a época do inconsciente, do “Isso” e os instintos, antes da aparição da psicanálise. É a época do Neo-romanticismo.

Cagliostro, utilizava uma bacia e uma vela.

Quando lograba meter a alguien en el sueño artificial (época de Mesmer), le Quando conseguia meter a alguém no sono artificial (época de Mesmer), indicava-lhe ao outro que fosse a Palermo e fosse ver a sua namorada e lhe desse informação. Esses experimentos fazia com seus colaboradores.

Os sonhos jogam um papel muito importante na aparição destes fenômenos e tiveram muito que dizer na história.

A interpretação dos sonhos tem sido um tema na história, já que “revela” significados profundos, que lhe dão conhecimento da alma humana.

Os sonhos tem sido estudados e utilizados porque têm que dizer algo sobre a matéria humana.

Tradução de impulsos

“A linguagem dos pássaros”, é uma pré-linguagem como os gestos, os mudras, as danças. Tem certas verbalizações, atitudes corporais. Tem uma parentela de coisas com os automatismos dos médiuns, com essas palavras das pitonisas, dos oráculos, dos magos. Quando trates de induzir os sonhos lembre-se que estão enganchados com muitas outras coisas. Os automatismos estão por todos os lados, a corrente sanguínea entre outras (é uma maquinaria muito complexa). Há que aprender a descobri-los (meio de soslaio) e a respeitá-los.

É muito importante o que cada um pode ver de si mesmo, posturas, as coisas que te brotam como se fosse de outro, que não sabes de onde saem.

Como é que se expressa isso?

Verbalizações, mudras, tudo isso é o que se denomina “linguagem dos pássaros”.

O dormevela

O “dormevela” é um estado intermediário entre a vigília e o sonho, no qual se vai dando mais ou menos direção as imagens e nas que o potente poder das imagens produz efeitos físicos (dores, irritações, prazer).

Por exemplo:

Ao tocar umas brasas no sonho, afasto a mão porque me queimo e esse movimento brusco faz que, inclusive, mova-se o braço despertando-me.

A potência das imagens no sonho e a tradução de impulsos dos lugares dos quais procedem, pode produzir modificações físicas, já que estamos trabalhando desde um nível vegetativo, próprio do trabalho do automatismo e da máquina.”

2. ANTECEDENTES HISTÓRICOS ADICIONAIS¹

A prática que consiste em retirar-se a um lugar sagrado, primeiro uma gruta, uma montanha, um deserto ou um bosque, depois um templo, para que se produzam aí sonhos inspirados ou uma visão, parece ser um prática universal.

¹Bibliografía

Artemidoro, “La interpretación de los sueños”, Editorial Gredos

Marc-Alain Descamps, “Sueños Lucidos”, Dolmen Ediciones, 1999.

David Coxhead and Susa Hiller, “Dreams”, Avon Publishers, October 1975

Virgilio, “La Eneida”, Editorial Iberia, 1968

Platón, “La República”, Ediciones Ercilla, Santiago de Chile, 1941

Para os gregos, os sonhos vinham dos deuses. Homero nos diz que os sonhos são personagens alados e divididos, enviados pelo próprio Zeus. Como os deuses estão muito presentes em suas vidas, também o manejo dos sonhos opera por intermédio da ação divina. Mas algo que motiva extraordinariamente aos gregos e depois também aos romanos, é a possibilidade de curar através de uma visão obtida no sonho. Assim é como se difunde amplamente a prática que procura ter o sonho que se deseja.

Desde a antiguidade se assegura que em certas grutas podem incubar-se sonhos deste tipo. Segundo Pausanias havia que sacrificar um carneiro e dormir envolto em sua pele para que o Deus se apresentasse em Sonhos.

Mais tarde vêm os templos de Asclepio (ou Esculápio) e de Serapis. Virgílio nos descreve essa prática no templo de Fauno (Eneida, VII).

Durante a época helenística existiram 420 templos de Asclepio que funcionaram até o século quinto. Entre os mais antigos está o de Epidauro; outro muito conhecido foi o de Pérgamo.

A ele se chegava depois de uma verdadeira peregrinação realizada ao longo de caminhos poeirentos e inseguros. Mas só podia acudir um consultante ao templo de Asclepio se sua enfermidade havia sido declarada incurável por um médico.

Quando se desejava obter uma visão, era importante conservar a pureza; para isso era necessário que durante o caminho a pessoa se abstinhasse de ingerir alimentos que pudessem interferir com os sonhos: o vinho e todo tipo de álcool, a carne, certos peixes, as leguminosas, etc... Ao chegar ao templo devia praticar-se o jejum e a pessoa se submergia num banho ritual. A castidade devia ser total, tanto durante o trajeto como durante a estadia no lugar sagrado.

Depois da entrada ao recinto, uma via sacra conduzia a uma fonte onde os enfermos depositavam os ex-votos que dão fé das numerosas curas. A localização compreendia todo um conjunto de monumento admiráveis: a Tholos de Epidauro ou a rotonda de Pausanias, o teatro de 14.000 lugares em Epidauro, de 20.000 em Pérgamo, onde se celebravam as cerimônias, os cantos e as danças. Além disso haviam bibliotecas, pórticos, etc.; e todo este conjunto estava situado entre árvores frondosas e em lugares de grande beleza natural. As serpentes de Asclepio reptavam livremente por todo o lugar.

Somente os agonizantes e as mulheres próximas a dar a luz não podiam entrar.

Para poder penetrar no templo de Asclepio, o peregrino precisava ter recebido um convite do próprio deus, seja por meio de uma aparição em estado de vigília ou através de um sonho noturno.

Efetuavam-se diferentes cerimônias de preparação: procissões, orações, cantos, danças, banhos aromáticos, incenso, a ingestão de uma bebida alucinógena chama o *Kykleón*.

Algumas das cerimônias eram levadas a cabo em subterrâneos iluminados por

tochas. Em Pérgamo encontrou-se um túnel de 80 metros que conduzia a um templo subterrâneo de 60 metros de diâmetro chamado de o Telésforo. Uma fonte vertia suas águas em uma tigela, igual que no sótão de a Tholos de Epidauro. Uma vez concluídos os sacrifícios preliminares, as purificações e as abluções, o peticionante devia dormir à espera do sonho de convite.

Obtido este, na seguinte noite se lhe permitia entrar ao santuário de Asclepio e pernoitar. Habitualmente o sonho salvador do deus só podia acontecer dentro do templo; daí o termo grego *enkoimesis*, que se traduz por incubação, *incubare*, que significa “dormir em um santuário”.

O peregrino não podia penetrar no templo se não tivesse chegado “a hora da lâmpada sagrada”, isto é, a caída da noite. Permanecia primeiro assombrado frente a estatua de Asclepio com seu bastão, ao redor do qual se enrolava uma serpente. A seus pés haviam um galo e um cachorro, e em ocasiões levava na cabeça uma coroa de louros e na mão sustentava uma pinha.

Tendo concluído suas orações e sua adoração, a pessoa se recostava no adyton ou “lugar reservado aos convidados”. Se esticava sobre o solo, em meio da penumbra e da espessa fumaça de incensos e perfumes do oriente.

No templo de Asclepio grandes serpentes verdes e amarelas de dois metros de comprimento se deslizavam lentamente sobre as grades de mármore entre as pétalas de flores e os corpos dos que dormiam.

Além disso, durante o dia, um sacrifício ritual havia precedido ao anterior. Por intermédio dos sacerdotes o peregrino oferecia uma cabra ou um cordeiro aos deuses. Retirava-se a pele do animal e a pessoa devia passar a noite envolvida neste despojo sangrento.

O deus aparecia no sonho, ou durante o estado de vigília, por meio de uma visão. Tocava então o órgão enfermo do sonhador e esta sarava durante a noite.

Uma vez obtida a cura, o sobrevivente se consagrava aos deuses pelo resto de sua vida. Depois de ter sarado, o peregrino oferecia um sacrifício de ação de graças ao deus, reembolsava os gastos ocasionados e ajudava aos mais necessitados. Se convertia numa ser cuja vida era obra do milagre, e devia dar testemunho do poder do deus pelo resto de seus dias, única forma de assegurar uma cura permanente. Voltava periodicamente ao lugar para efetuar retiros e para dedicar-se à serviço do templo.

Se o enfermo não sarava no curso da primeira noite, se lhe considerava como incurável, ou como alguém que não havia cumprido com todos os requisitos, ou que se havia equivocado e não havia sido realmente convidado pelo deus.

Sabemos por Platão, que Asclepio e seus filhos somente curavam a aquelas pessoas que, estando em bom estado de saúde, experimentavam uma dificuldade passageira, mas que se negavam a prolongar de forma indefinida a vida a aqueles moribundos que temiam a morte (La República, 1. III, 404-408).

Foram encontradas setenta estelas comemorativas que relatam casos de cura com a respectiva descrição da enfermidade e do sonho terapêutico. As mais antigas são testemunhos de curas de paralisias,

cegueira, mutismo, etc... e das visões correspondentes; por exemplo, um enfermo coberto de parasitas sonha durante a noite que o deus o despiu e limpa seu corpo, e levanta-se no dia seguinte sem parasitas. A inscrição de uma estela votiva nos relata como Alcetas de Malieis recuperou a vista: “Teve uma visão nos sonhos; sentiu que o deus se aproximava e lhe abria os olhos com seus dedos e nesse momento pode ver as árvores do santuário. No dia seguinte, havia recuperado a vista”.

Mais tarde isto chegou a ser cada vez mais raro e os sonhos não faziam mais do que indicar o tratamento que se devia seguir para aliviar os males do enfermo; mas se fossem colocadas em prática, a cura era imediata. Por exemplo, um enfermo que sofre de pleurisia recebe nos sonhos a ordem de misturar com o vinho, as cinzas quentes do altar e de aplicar este cataplasma sobre as costas do enfermo, o que produz sua cura.

Aelius Aristide de Esmirna (129 – 190 de nossa era), nos conta que em sua época os peregrinos deviam registrar todos seus sonhos. Em seu livro “*Discursos Sagrados*”, relata em detalhe suas freqüentes visitas ao templo, os remédios e os conselhos que recebeu, suas visões e sua cura após uma longa enfermidade. “Para cada um chegavam as revelações e podia-se escutá-las, seja no sonho, seja estando desperto. Os cabelos se arrepiavam sobre a nuca; sentia-se correr as lágrimas sobre o rosto e experimentava felicidade ao mesmo tempo; o coração se enchia. Que homem haverá de encontrar palavras para descrever tal experiência? Aquele que conheceu o que digo poderá compartilhar o estado em que se encontrava meu espírito”.

Mas o domínio dos sonhos foi uma prática utilizada pelos gregos não somente para obter curas, mas também para a vidência, as premonições e os oráculos.

Aristóteles expõe suas teorias sobre o mundo onírico num par de opúsculos particularmente intitulados “Sobre os devaneios” e “Sobre a adivinhação através do sonho”. No primeiro analisa a natureza deste fenômeno. A seu juízo, “o fato de sonhar é próprio da faculdade sensitiva da alma na medida em que esta é imaginativa”. As causas que motivam estas vivências são “os movimentos produzidos pelas sensações, tanto pelas do exterior como por aquelas procedentes do próprio corpo”. Durante o estado de vigília a multiplicidade dos estímulos e a atividade do pensamento nos impedem prestar atenção a estas manifestações. “De noite, ao contrário, pela inatividade de cada um dos sentidos em particular, e por sua incapacidade para atuar – devido a isto que se produz o refluxo de calor desde o exterior para dentro -, estes movimentos voltam à origem da sensação e se colocam de manifesto ao apaziguar a confusão”. Quer dizer, então, que emergem no período de repouso fisiológico, quando a alma se volta sobre si mesma.

Estas exposições teóricas pressupõem uma origem exclusivamente física dos sonhos. Por isso, era de se esperar que ficasse descartada a possibilidade de que alguns deles em determinadas circunstâncias pudessem

revelar o futuro. No entanto, Aristóteles não afirmará esta posição. Sua postura será extremamente cautelosa: “No que diz respeito a adivinhação que ocorre no sonho não é fácil nem depreciá-la, nem dar-lhe crédito. Pois o fato de que todos ou muitos suponham que os devaneios tem algum significado, enquanto que se afirma como consequência de uma experiência, oferece credibilidade”.

Na *Ilíada* (I 62 e seg.) Aquiles propõe consultar a um adivinho, a um sacerdote ou bem a um interprete de sonhos (*oneiropólos*) para averiguar os motivos da atitude do deus Apolo. Na mesma obra (V 148 e seg.) menciona-se ao velho Eurídamante, o qual também praticava esta arte e, no entanto, não averiguou a sorte que lhe aguardava a seus filhos no decorrer da guerra. Nestes exemplos já aparecem configurados os rasgos essenciais que caracterizarão a oniromancia nos séculos vindouros, isto é, a crença de que alguns sonhos podem predizer o futuro, a convicção de que a linguagem empregada não é direta, mas sim alegórica, e a existência de uns profissionais acostumados com as técnicas interpretativas.

Artemidoro de Efeso que viveu no segundo século de nossa era, apresenta em seu livro “A interpretação dos sonhos” uma tarefa de recompilação relacionada a produção anterior consagrada a esta matéria. O autor sustenta que consultou a totalidade da bibliografia existente, incluindo a mais antiga, e ao mesmo tempo reivindica sua originalidade de pensamento. Define ao sonho como “um movimento ou uma invenção multiforme da alma que aponta as coisas boas e os males vindouros”. Indica que a visão onírica está composta por elementos, isto é, por uma série de imagens apropriadas e naturais. O aspecto que mais lhe preocupa é a classificação destas experiências. Estabelece uma neta separação entre os sonhos de valor profético (*óneroi*) e aqueles privados de uma mensagem premonitória (*enyphnia*). Os primeiros nos comunicam o que acontecerá, os segundos relatam os apetites que dominam ao sujeito momentaneamente; portanto, não são significativos.

Os *óneroi* por sua vez dividem-se em dois grupos. Os que nos anunciam sucessos de cumprimento imediato e cuja representação corresponde-se com os fatos, são chamados sonhos diretos. Por outro lado, quando media um espaço de tempo suficiente entre o presságio e o evento, de forma que aquele possa ser elucidado por meio do raciocínio, então nos encontramos ante um sonho simbólico. Esta modalidade é a única que interessa a Artemidoro e, por conseguinte, todo o tratado estará dedicado a seu estudo.

Também subdivide ao sonhos em *provocados* – ou de estado ansioso – e em *divinos*. O significado deste último adjetivo obriga-lhe a determinar seu ponto de vista: “eu não me encontro na mesma postura de incerteza de Aristóteles sobre se a razão para o sonhar é exterior a nós e depende da divindade ou se, pelo contrário, existe em nossa interioridade alguma causa que predispõe a nossa alma para um certo estado e origina de forma natural o que acontece. Simplesmente chamo a tais fenômenos “divinos” assim como qualificamos na linguagem corrente a todos os fatos que se escapam a nossas

previsões”. E mais adiante diz: “então a divindade suscita visões em consonância com o que sucederá à alma do sujeito no futuro, porque esta possui faculdades mânticas por natureza ou porque existe alguma outra razão que induz as representações oníricas”.

O significado da mensagem anunciadora de um fato futuro é averiguado mediante a aplicação de critérios tais como a continuidade, inversão, a antítese, a contigüidade, a semelhança, etc... Aparte destes recursos existem outros baseados em operações lingüísticas e gráfico-numéricas entre outras variantes possíveis. Resultam particularmente interessantes aqueles mecanismos que são de natureza verbal.

Por exemplo, uma pessoa doente do estômago viu durante a noite Asclepio oferecer-lhe os dedos de sua mão direita instando-lhe a comê-los.

Comendo cinco tâmaras conseguiu curar-se (em grego, as tâmaras tem o mesmo nome que os dedos). Da mesma forma, Frontón, que sofria de gota, sonhou no templo que passeava pelos subúrbios (*propolis*), nome que recebe também a cera de abelha obtida na entrada do favo, substância que o curou de seus males.

Artemidoro apresenta a interpretação de 3.000 sonhos e explica que é necessário considerar a condição sexual do destinatário, a condição social, o estado de saúde, o grau de parentesco, a idade, a profissão, as circunstâncias pessoais, as disposições psíquicas, etc. Como conseqüência, interpretar um sonho equivalia a resolver uma equação com três incógnitas, representadas pelo assunto da visão onírica, a pessoa a quem vai destinada a mensagem e o resultado previsto. Dado o número de variáveis, as combinações possíveis eram infinitas, por esta razão resultava indispensável consultar a um especialista, capaz de desentranhar a chave do enigma nesta complicada trama. Seus livros apontam a satisfazer essa necessidade, constituindo espécies de manuais nos que também se ilustra o caminho que deve seguir o aprendiz até chegar a mestre.

Artemidoro também expõe sobre como obter o domínio dos próprios sonhos: “Recorda que aqueles que levam uma vida honesta e encaminhada para o bem não tem devaneios nem nenhum outro tipo de representação irracional, mas sim exclusivamente visões oníricas e, em sua maioria, das chamadas diretas. De fato, suas mentes não estão turvadas por medos ou esperanças e, sem dúvida, dominam os prazeres corporais”. (IV, prefacio, 363). Não haverá paralelo algum entre os sonhos de pessoas virtuosas e os sonhos das pessoas comuns.

Os sonhos destes últimos estarão cheios de representações irracionais, das ocupações cotidianas da véspera, de seus temores e esperanças. É pois, em vão, que haverá que tentar interpretá-los. Em seus últimos livros, que dedica a seu filho, Artemidoro o dissuade a empreender tão inútil tarefa.

Muitos erros de interpretação, segundo ele, provém do fato de confundir uma visão enviada pelos deuses com uma visão solicitada a estes.

Concretamente, algumas pessoas utilizam proceçimento mágicos para interpretar aos deuses e buscam apressá-los mediante o incenso ou pronunciando seus nomes secretos; outros inclusive formulam suas perguntas de forma demasiado precisa e cominatória. Nestes casos, não haverão de obter mais que simples sonhos e serão tão insignificantes como aqueles que são produto das preocupações cotidianas. Ainda assim, terá que evitar comer em excesso “já que os alimentos tomados sem moderação não permitam vislumbra a a verdade, nem sequer mediante aquelas visões que se produzem na madrugada”. Terá que dirigir-se aos deuses com respeito e discrição.

No entanto, Artemidoro precisa que ao utilizar a expressão “visão enviada pelos deuses” faz alusão a uma visão inesperada e da a seguinte indicação para obter estas visões: “Terá que rogar à divindade por todas aquelas coisas que nos preocupam, mas sobre o modo de formular por antecipado a resposta, terá que deixar, ao próprio deus, *ou à própia alma*, inteira liberdade” (IV.3).

Platão trata sobre as condições necessárias para obter o domínio e o controle dos próprios sonhos. Divide a alma humana em três categorias: o *nous*, a razão ou vida intelectual cujo assento se encontra no cérebro e que corresponde a sabedoria dos intelectuais e dos pensadores, o *thumos*, a vontade ou vida ativa que mora no coração e corresponde ao valor dos guerreiros defensores da cidade, os *epitumia*, desejos ou vida afetiva cujo assento está no ventre e que corresponde às paixões dos comerciantes e dos produtores.

Diz que primeiro terá que se encaminhar todos os esforços para apaziguar a segunda parte da alma, a irritação da vontade e a violência, livrando-se da cólera. No que se refere à terceira parte, a aidez do desejo de comer, de matar e do sexo, será necessário adormecê-la com prudência, escolhendo a via intermédia, assim não se a excitará nem pelos excessos nem pelas privações. Por último, a terceira parte, a sabedoria, terá que desenvolver-se mediante o domínio dos próprios pensamentos que não deverão ser mais que belos e puros, e através da prática da meditação.

É durante o sonho que para Platão a alma alcança melhora a verdade. Os desejos “despertam durante o sonho noturno, quando aquela parte da alma que é doce e razoável, e que tem sido feita para dirigir a outra parte, se dorme, e que a parte bestial e selvagem, cheia de alimento e de bebida se agita, e rechaçando o sonho, busca satisfazer seus apetites. Bem sabes que neste estado nada conseguirá detê-la, já que deixou de lado toda vergonha e razão: não duvidará em violar a sua própria mãe em pensamento, ou a qualquer outro ser que se lhe ponha pela frente, seja um homem, deus ou animal; não haverá sangue com que não se suje as mãos, nem alimento do qual se abstenha; em breve, não haverá loucura nem falta de poder que se proíba cometer...”.

“Mas, segundo minha opinião, quando um homem possui a saúde e a temperança e não se entrega ao sonho, a não ser depois de ter despertado a sua razão e a de tê-la alimentado com belos pensamentos e formosas reflexões, concentrando-se em si mesmo numa meditação interior; quando tem acalmado o desejo sem submetê-lo ao jejum e sem saciá-lo, de modo que consiga dormir sem agitar-se nem com suas alegrias nem com suas penas, melhor inicialmente, mas sim que este

possa buscar descobrir sozinho, livre da tirania dos sentidos, aquilo que não conhece, quer seja no passado, no presente ou no futuro; quando este homem conseguiu assim mesmo suavizar seu ardor (thumos) e que, sem haver experimentado irritação, consegue dormir com o coração em paz; quando conseguiu apaziguar a estas duas partes de sua alma e tem estimulado a terceira, aí aonde reside a sabedoria, e se entrega finalmente ao descanso, é nestes condições, bem o sabes, que a alma alcança melhora verdade e é quando aparecem com menos frequência as visões monstruosas de nossos sonhos” (República, 1. IX, 571c-572b).

Sobre a que o ser humano possa aproximar-se melhor da verdade através das visões, encontramos o que sustenta o pensamento de Jenofonte, também discípulo de Sócrates. A alma alcança o plano mais elevado de conhecimento, a *scientia intuitiva*, que permite transcender o tempo para obter uma visão do futuro. “Certamente, é durante o sonho que revela-se melhor o caráter divino da alma; é então quando pode prever o futuro, sem dúvida porque neste momento encontra-se livre das ataduras do corpo” (Cicropedia, VIII, 7). Glaucón não era o único conhecedor destes temas, fora Platão, assim como os Pitagóricos. De fato Pólibo nos relata que, durante sua viagem ao Oriente, Pitágoras havia aprendido com os Caldeus a arte das visões.

3.- EXPERIMENTAÇÃO

Desde princípios de 2004, quando comecei como Aprendiz, fui anotando os sonhos que recordava, transcrevendo-os mês a mês no computador e classificando-os conforme indicassem traduções de impulsos, integração de conteúdos, compreensões, contextos disciplinares ou depois a tradução dos registros do passo em que me encontrava. Esta sistematização mensal retroalimentou o interesse pelo mundo onírico e meu foi deixando frente a evidência do modo do modo de trabalho deste nível de consciência.

A fins de junho de 2007, se me recomendou começar a experimentar introduzindo Vigília no Sonho com base a um interesse fixado previamente. Tenho continuado com esta prática até agora, sustentada, salvo por breves interrupções, acumulando a experiência e o material que dá origem ao presente trabalho (Anexo 1).

a) Procedimentos:

Antes de deitar-me, uns 15 minutos antes, enquanto escovo os dentes, por exemplo, presto atenção aos conteúdos que estão copresentes em minha consciência e que, quer eu me proponha ou não, de todas as maneiras vou levar ao sonho.

Averto que antes de ir dormir posso detectar uma tendência que tenderá a

aparecer no mundo onírico. No caso de registros experimentados nesse dia, de compreensões que quero aprofundar, de situações vividas que me ficam sem integrar completamente, de perguntas, necessidades, inquietudes, curiosidades ou sentimentos que estão atuando de modo sutil e copresente e que vão ser inercialmente arrastados ao nível de sono.

Antes de definir o interesse com o que entrar ao sonho, faço todo um rastreamento para trazer a presença conteúdos que estão atuando copresentemente e que tenderão a explicitar-se nas sequências oníricas, tratando de detectar quais deles têm maior potência, mais carga emotiva ou estão associados a uma maior necessidade. De todos esses temas que estão dando voltas, seleciono o que tem maior carga afetiva, aquele com o que mais me interessa sonhar.

Ponho foco nesse interesse e o formulo por escrito, anotando-o junto com a data em meu caderno.

Nesse ato de anotar, reforço o interesse fixado, concentrando-me no tema, mas sobretudo querendo fazê-lo, dispondo-me com muita vontade a ir sonhar com isso.

Por alguns períodos tenho trabalhado com “menus” de 3 ou 4 temas previamente definidos e fixos entre os quais escolher, ou tenho provado dar continuidade a um mesmo tema seguindo-o durante várias noites, também tenho experimentado com temas livres, mas em definitiva tenho conseguido detectar que no momento da definição da intenção com a que vou entrar no sonho, se trazem a presença conteúdos que estão copresente e que tenderão a evidenciar-se no mundo onírico. Este transfundo temático está presente, na realidade, nos distintos níveis de consciência, está atuando em vigília e se vou dormir, o levo ao sonho. Ao filiar estas copresenças e anotá-las como a intenções com a qual quero sonhar, o trabalho já está metade feito e torna-se fácil sonhar com isso. É como montar-se na tendência e aproveitá-la.

Nessa intenção, nessa direção que está copresente antes de ir dormir, posso advertir uma necessidade operando, um sentimento. Tem algo que quero que aportem as estruturações oníricas, algo que estou buscando, que necessito esclarecer, algo que me inquieta e estou necessitando resolver ou transformar, que sinto que está me empurrando, algo que me importa muito.

Nesse sentido, se parece ao Pedido e também ao Propósito e requer de uma carga afetiva especial. Levo essa intenção querida, essa necessidade muito sentida ao nível de sono.

Para realizá-lo, tomo uma postura corporal de perfeito relaxamento (com a que nunca antes conseguia adormecer e que tenho ido gravando neste período) e associo essa postura com a intenção formulada. Sigo “carregando” a intenção enquanto vou caindo no sono e começam a apresentar-se as sequências oníricas.

Durante a noite mudo muitas vezes de posição corporal, mas ao detectar algum sonho, movo o braço para fora da cama para anotá-lo no caderno deixado sobre o criado-mudo e o faço quase sem despertar-me, desde o “teto” do nível de sono. É como se a mão escrevesse quase por si só, em forma semi-automática, sem abandonar de todo o nível de consciência no qual estou. Mas

Imediatamente depois de anotar, volto a tomar a posição corporal de perfeito relaxamento. Isso “refresca” a intenção fixada previamente sem que tenha que reformulá-la novamente, sem racionalidade, como se houvesse ficado “gravada” na posição do corpo, “ativando” o tema que tenho fixado desde a Vigília.

Volto ao sono profundo novamente, até topor com outra sequência de imagens coincidente com a intenção, a anoto, retomando depois a postura corporal para cair no sono levando o interesse. Assim sucessivamente até a manhã. Anotado o último sonho, abandono, solto a intenção fixada e já não retorno a posição corporal de relax. Então me dou uma “esticadona longa” de sono profundo, despertando com tranqüilidade e sem apuro.

Este último período de sono reparador e profundo, compensa os possíveis rebotes de nível e me descansa bem. Não tenho tido, com exceção dos primeiros meses quando não podia manejá-los, rebotes de sono no nível vígilico. Saído esta “esticadona longa” bem reposta e habitualmente consigo resgatar dela mais algum sonho.

b) Observações:

Trabalhando assim, estive observando que no momento de deixar-me cair no sono mantenho muito levemente uma sorte de “atenção” que permite seguir as sequências oníricas que vão se apresentando, um seguimento suave que vai “buscando” entre as imagens aquelas que tem relação com o tema fixado previamente e “descartando” o que não corresponde, exigindo de algum modo para a consciência sonhar com o que tenho me proposto.

Não se trata de sonhos pesados, vegetativos, nos quais caio derrubada, mas sim de sonhos algo mais altos, sonhos paradoxais, com seus trens de imagens que se sucedem e uma leve noção de estar observando-os, deixando correr para “atrapalhar” as sequências de interesse, sonhos nos quais experimento que além de dormir estou fazendo um trabalho na direção fixada.

Mas é, em especial, a carga afetiva a que dispõe a consciência para sonhar na direção formulada, e isso opera criando uma sorte de “continente”, de “forma”, de “campo” que inclui nele as traduções de impulsos cenestésicos e, inclusive, se utiliza dessas traduções porque são funcionais ao enquadre estabelecido. O mesmo ocorre com os conteúdos de memória, que para aparecer ficam determinados pelo tema que tenho fixado. Esse campo de copresenças com sua carga afetiva, vai definindo as sequências oníricas baseado nas traduções de distintos impulsos, sensações e recordações, de modo que lhe sirvam a seu propósito.

Exemplo:

14 de Agosto de 2007

Me proponho a sonhar com Punta de Vacas.

Sonho 1: Estou na Praça das Estelas e escuto “O Caminho” sendo recitado nos distintos idiomas.

Sonho 2: Estou na Multiuso e vejo chover lá fora. Se saio, me molharei. Como será a Mansarda para pendurar e secar a roupa? Estamos vários amigos, comendo umas verduras como pimentões recheados, sentados em torno as mesinhas que estão na Multiuso.

Sonho 3: Estou dentro da Ermita e o teto range muito coma chuva que cai; não ultrapassam as paredes, mas faz frio. Tenho uma clara sensação de todo o espaço interno da Ermita. Vejo num canto a hélice de cerâmica que fez Bruno para reconstruir a termocupla.

Os três sonhos desta noite se dão em Punta de Vacas, tal como me havia proposto antes de ir dormir, incorporando a tradução de um impulso auditivo que é suave no primeiro sonho e vai tomando maior definição com o decorrer da noite. Sem dúvida chovia lá fora e certamente cada vez mais forte, sendo esse estímulo incorporado ao sonho e resultando uma matéria prima útil para a configuração buscada. O impulso cenestésico da fome é traduzido e incorporado no segundo sonho anotado e o do frio no terceiro. A memória entrega dados úteis para que tudo siga sempre demarcado pelo interesse fixado, como é neste caso a forma cerâmica para reconstruir a termocupla que efetivamente havia feito Bruno em nossa Oficina um tempo antes.

Ao tratar de manejar os sonhos estive tentando, então, não tratar de manejar os conteúdos, mas sim a direção geral do sonho. Não é um trabalho compositivo, mas sim de orientação, de direção mental, de apontar com força para o que quero, para o que necessito, sonhando-o com os conteúdos que a consciência vai encontrando entre o que tem a disposição. Não importa em que se vá apoiando, tudo lhe irá servindo a seu propósito: os impulsos cenestésicos do intracampo, os sinais que recebe de memória, os estímulos externos que chega a perceber, o que apareça irá sendo traduzido de maneira a ser funcional para essa direção geral a qual aponto. E ao tratar de aprender a sonhar com o que quero sonhar, fui descobrindo lateralmente, adicionalmente, alguns mecanismos interessantes, como é, por exemplo, justamente este determinismo que a carga afetiva tem sobre os conteúdos, organizando-os e estruturando-os conforme a orientação dessa direção emotiva.

Exemplo:

23 de Setembro de 2008

Sonhar com Rosario

Estamos dando um Centro de Trabalho num grande barracão na selva. Está Andrés K. de participante e define as funções. A mim não me importa o que fazer, sempre e quando tenha se definido uma função de enfermagem e exista também um lugar apropriado para que Rosario possa estar sem dor. Todo o restante me parece secundário. Dario está decifrando um velho livro de procedimentos alquímicos e vou lá ajudá-lo, é fascinante, também chega o Tommy.

c) Consequências adicionais:

Algo que pode parecer óbvio, mas que recém descobri ao trabalhar com os sonhos, é que todos os dados de memórias estão presentes em todos os níveis de consciência. Só que no nível de sono não conto com a reversibilidade que me permite evocá-los e resgatá-los a vontade, enquanto que sim disponho disto em Vigília. Mas no sonho, de qualquer maneira, conto com tudo que tenho armazenado na memória: dados, informação, registros, tons, tensões, etc... por isso é que posso acessar também desde os sonhos aos registros dos melhores estados de lucidez, aos registros de maior plenitude, aos estados internos inspirados. Não é somente desde os níveis altos de consciências, mas também desde os sonhos posso ter registros de estados muito especiais.

Exemplo:

7 de Fevereiro de 2008

Me proponho sonhar com a transformação interna.

Sonho 1: Sonho que toda minha cabeça é uma flor de pétalas de luz que estão se abrindo.

Sonho 2: Esta o pequeno busto de Silo, caio em conta que seus olhos estão olhando para a coordenada Z, para o Profundo.

Sonho 3: Vou com Jorge e Santiago caminhando por Roma através de ruas estreitas e antigas, tudo é belo, é estético, mágico e surpreendente. Estamos buscando uma praça e passamos próximo a uma casa antiga na qual ficou aberta uma torneira ou cano d'água e se formou uma fonte nova, caindo essa água desde acima com uma garoa ou cachoeira suave até a rua. É maravilhosa. Forma-se um arco íris, sinto sua humidade multicolorida.

De fato, quando estava trabalhando no processo da Disciplina, cada um dos Passos deixou seus traços no nível de sono e apareceram sequências oníricas que muitas vezes me facilitaram a avançar tanto em procedimentos como em registros e compreensões do Passo no qual estava (Anexo 2).

Posso também desde o sonho, estabelecer novas relações entre os mesmos dados que já tenho guardados na memória e compreender de outro modo situações que na Vigília me são imcompreensíveis. Aprendo nos sonhos, compreendo, integro, resolvo e, como nesse nível as estruturas diferem muito das da Vigília, aportam novas chaves que podem ser “reinjetadas” posteriormente no nível de consciência vigílico a fim de esclarecer aquilo que estou tratando de compreender melhor, como se fossem “ocorrências” que surjem desde o onírico, sem que fosse possível formulá-las desde outros níveis de consciência.

Exemplo

5 de julho de 2008

V. em S.: meu Guia.

Sempre reprentei a meu Guia como registro de presença posicionado atrás de mim, como presença alta posicionada na profundidade da dimensão Z. É muito curioso, mas o posicionamento dessa presença no Espaço de Representação é a da entrada ao Profundo.

Inclusive, posso topar desde o sonho, com soluções práticas a assuntos que tento implementar e que requerem um enfoque diferente para poder vencer, na vida cotidiana, as resistências que vim encontrando.

Exemplo:

24 de Setembro de 2008

Sonar com a difusão de nossas produções audiovisuais.

No sonhos recordo o bom tratamento que sempre nos tem dado o canal de Los Mosciatti em Concepción, onde poderíamos provar a transmissão do Nosso. Também em TVN sinal internacional.

Lateralmente fui compreendendo que a construção interna vai se plasmando e vai tomando corpo em todos os níveis de consciência, como se os fosse tingindo com seus novos tons, expressando-se em cada um deles, abarcando e organizando estruturas de consciência baseadas em conjuntos de experiências. Não é somente um processo que se verifica nos níveis altos e de grande reversibilidade, mas que os registros que vão tomando forma aparecem também com clareza nos outros níveis. Como é explicado no Psicologia IV e no Comentário audiovisual de Silo sobre “A Experiência”, no nível de sonho paradoxal também aparecem indicadores da consciência inspirada².

Exemplo:

30 de dezembro de 2007

V em S.: integrar o ocorrido em Manantiales

O céu estrelado e as tochas. Falo muito consciente do que estou gerando ao falar e a distância de mim; como se as palavras passassem por mim. Todas as pessoas estão conectadas com tudo durante o jantar, eu mesma sou parte desse tecido de existência que nos interconecta.

29 de janeiro de 2008

V. em S.: a direção autônoma da consciência no P12.

Alguém – não sei quem é – me dá um presente e o deixa atrás de mim, na perspectiva atrás da cabeça, é algo muito antigo, muito valioso, envolvido num velho papel metálico, formoso. Sei o que é, não necessito abri-lo...

² “...se sonha coisas extraordinárias, coisas que não se vê na vida diária, as vezes quando se desperta, ainda continuam as influências do sonho em si e a lhe parece muito atrativo e muito profundo o que aconteceu dentro dos sonhos. Mas compreende que esses sonhos – que não é o que acontece na vida cotidiana – trabalham em outro espaço mental, em outro lugar da mente. O mesmo que dissemos da paixão, trabalham em outro lugar da mente, não no lugar da mente em que trabalha a representação diária. Mas existe então em cada um de nós, a capacidade de posicionarmo-nos em outros lugares, de tomar outras profundidades. Nossas experiências se transmitem, para produzir essas mudanças na profundidade da mente humana”. Comentário audiovisual de Silo sobre “A Experiência”.

Outras das conseqüências adicionais que foram aparecendo ao fazer este trabalho tem relação com o fato de que, como no mundo externo o nível de sono fica reduzido ao mínimo e tudo, ou quase tudo, se dá no espaço interno, me tem resultado, as vezes, mais fácil poder determinar o “onde” se localizam as representações, qual é a sua posição no largo, no alto e no profundo do Espaço de Representação. Isto me tem resultado especialmente interessante quando, por exemplo, durante o sonho se precisa a localização do ponto de entrada aos espaços profundos.

Exemplo

5 de outubro de 2008

Sonhar com o tema da morte

Sonho que vou morrer e me dou conta. Então busco o ponto de entrada ao Profundo, indo-me para trás, mais atrás, alto, mais alto, atrás, mais atrás e soltando-me aí, deixando-me ir aí. Não há temor, há entrega.

Assim como foram aparecendo estas observações adicionais no processo do trabalho com os sonhos, certamente existem várias outras conseqüências que poderiam extrair-se atendendo a este nível de consciência. Dese já, muitas das compreensões laterais me resultaram, inclusive, mais interessantes que a experimentação com o nível de sono.

O constatar que a carga afetiva dá direção aos processos mentais independentemente do nível de consciência; que as copresenças tem poderosas cargas afetivas e orientam a consciência nessa direção e em todos seus níveis de trabalho; que um propósito requer dessa carga afetiva para poder operar, a relação entre memória e níveis de consciência; a acumulação em memória dos registros com sua localização precisa no Espaço de Representação; sua manifestação nos distintos níveis de consciência e o acesso a certos estados internos interessantes também desde o sono; o re-ordenamento singular da memória neste nível, são alguns dos mecanismos que me foram ficando evidentes ainda quando não estive buscando observá-los.

d) Interpretação de sonhos:

Durante todo este período não me detive nunca a realizar uma interpretação completa baseada nas regras de interpretação alegórica. O material anotado fui classificando de forma veloz, com base em algumas poucas categorias que estabeleci para determinar o primário relacionado com o sonhado (traduções de impulsos, integração de conteúdos, compreensões, sonhos inspiradores, etc...) já que fundamentalmente estive buscando aprender a dirigir os sonhos, a sonhar com o que quero sonhar e a que o interesse fixado opere copresentemente dirigindo as operações oníricas. Nesse sentido, o que me interessou confirmar é se a intenção estabelecida em vigília se corresponde ou não com os sonhos anotados.

De todas as formas, também como uma sorte de compreensão adicional que vai

aparecendo sem que lhe preste muita atenção, tem sido a detecção das imagens com as quais se vão traduzindo uma e outra vez certas sensações cenestésicas repetitivas, certas dores ou desconfortos facilmente interpretáveis; quais são os climas e tons afetivos que se repetem, os temores e especialmente quais são os temas em que ando e que pressionam de nível em nível, constituindo os interesses deste momento de processo. Não foi necessário fazer maiores interpretações para ter sinal do que me ocorre.

Outra constatação que fui tendo a medida que foram passando os meses e a prática foi se tornando habitual, é que não somente fui verificando a correspondência entre o interesse fixado em vigília e as imagens oníricas resgatadas, mas também que as mesmas sequências oníricas foram se depurando da alegorização excessiva, convertendo-se em sonhos mais sintéticos, mais leves, mais altos. Uma sorte de qualidade onírica nova para um habito que não tinha e que foi se consolidando.

e) Linhas de trabalho a futuro:

A experimentação com os sonhos poderia abrir diversas linhas de trabalho a futuro, tal como foi historicamente. Se poderia, por exemplo, ir em direção à cura como se fazia antigamente nos templos de Esculápio, ou da adivinhação como foi no caso das Sibilas, ou decifrando sinais do sagrado na interpretação de sonhos que se possam ter em lugares fortemente inspiradores como foi com a prática de “incubação”. Se poderia iniciar uma etapa de experimentos conduzidos entre vários participantes, provas de tipo paranormal, antecipar-se a fatos que depois acontecem, traduções que se façam de um mesmo estado interno, etc... etc...

No entanto, neste momento de processo mais do que nada por descarte, sinto que nenhuma dessas direções encontram em mim suficiente carga afetiva como que para serem encaradas a modo de linhas de trabalho.

Não sei bem como quero seguir avançando. Tenho claro que quero continuar experimentando e usando o tempo noturno para aprofundar em compreensões. Sei que posso levar o interesse mais além, que ainda há muito para explorar, que poderia ir aproximando-me cada vez mais ao Propósito e incursionando fortemente nos sonhos. Mas ainda não consegui defini-lo com precisão.

Bibliografía

Artemidoro, “A interpretação dos sonhos”, Editorial Gredos.

Marc-Alain Descamps, “Sonhos Lúcidos”, Dolmen Ediciones, 1999.

David Coxhead and Susa Hiller, “Dreams”, Avon Publishers, October 1975.

Virgilio, “Eneida”, Editorial Iberia, 1968.

Platão, “A República”, Ediciones Ercilla, Santiago de Chile, 1941.

Silo, Comentario audiovisual sobre “A Experiencia”, 2008.

EXTRATO DE ANEXO 1 - ALGUNS DOS SONHOS 2007-2008

15 de julho de 2007

Vigília no sonho: me proponho sonhar com a difusão televisiva.

Um novo spot gera novos brios naqueles que estão tentando transmissões.

Aqui a Laura poderia ver os canais regionais e eu ver a agência e os recursos com a Julia (passando em CHV pelas manhãs e não à noite) e também nos programas.

Julián poderia averiguar com a Alicia do Spot de Gerardo e se não o faz, montar ele um com base no material que já existe.

Detecto mais sonhos do que em outras noites e os escrevo. Alguns estão no “teto” do sono, no “piso” do semi-sono, como pós-sonhos, mas depois de escrevê-los volto a cair ao nível de sono profundo. Tenho a impressão de que opera durante toda a noite a intenção de sonhar com um tema específico, formulado desde a vigília. Registro a atividade de “observar” o sonho. Além disso todos os sonhos anotados tem relação com o propósito formulado.

É muito impressionante o trabalho de meter a vigília no sono. Não só registro uma espécie de “olhar” que está atenta ao sonhar, mas também que efetivamente alguns dos sonhos anotados tem exata relação com meu propósito formulado por escrito. Além disso também tenho muito mais sonhos do que o habitual, ou os posso resgatar muito mais do que o normal.

Será que em todas as noites há tanta atividade onírica, só que não a observo e a deixo passar?

Notável é também a atividade do pós-sono, referida sempre ao interesse fixado, assim como as “ocorrências” que não surgem desde o nível vigílico e aparecem aqui.

16 de julho de 2007

Vigília em sono: quero sonhar com Punta de Vacas.

Sonho com a explanada entre as estelas, que vai se ampliando até converterse num piso branco desde onde se pode começar a focalizar o limite e por a cabeça de outro modo.

Há aroma de chocolate e de torta por todo o cordão montanhoso.

Sonho com Roberto Kohanoff, não recordo o quê.

Subo a montanha com Loredana, chegamos a Punta de Vacas. Há um retiro de Escola, sou uma das novas postulantes.

O introduzir vigília nos sonhos me faz prestar muito mais atenção a eles. Novamente anoto quatro sonhos e todos referidos ao tema fixado. Novamente anoto quatro sonhos e todos referidos ao tema fixado. É como se houvesse deixado um “fio de Ariadna” dentro do labirinto onírico e pudesse resgatar os temas que me interessam.

30 de Julio 2007

Vigília em sono: quero buscar a Silo

Sonho que vou de carro a Mendoza, e viajo... estou já pela zona dos campos com com vinhas, prévio a chegada a Chacras. Me chamam por telefone celular no carro, é a Eliana, quer saber como vai a viagem. Mas no mesmo sonho caio em conta que estou fazendo um tradução de impulsos do som do telefone, que me desperta.

13 de Agosto de 2007

Quero sonhar com Silo

Estou praticando o Passo 10 e explicando-o enquanto o faço, a distância da situação.

Estamos pagando a conta no counter de um hotel no qual estivemos e aproveito para praticar o Passo 10. Então registro que tenho a alguém parado por detrás. Dou meia-volta e é Silo, que espera também sua conta.

Fazemos um livro recolhendo testemunhos da relação de alguns com Silo. Eu entrevisto e gravo o testemunho de Liza Goldshmidt, a mãe de Tomy, e depois o dos demais Hirsch. Vou recolher também o meu, quer seja publicado ou não.

Silo no Mirante de Punta de Vacas; todo o céu se torna branco; estoy dentro da Sala e me pergunta porque quero entrar para a Escola. Digo que somente posso registrar minha disponibilidade ao que ele proponha.

Silo me passa um prato fundo de sopa – ou será uma tigela? – Somos monges.

15 de Agosto de 2007

Quero sonhar com os demais Parques da Mensagem de Silo

As cerimônias de entronização dos três lugares em Punta de Vacas tiveram um significado e um ensinamento muito profundo, que quero voltar a estudar e compreender melhor. Se realizarão cerimônias similares ao inaugurar outros lugares?

O Caminho ressoa em todos os idiomas, como antecipando os Parques que vão surgir em todas as regiões da Terra.

Vamos com alguma autoridade peruana num ônibus bem pequeno, para ver uns terrenos fiscais que se comprometeram a transferir se quisermos fazer ali o Parque em Peru.

20 de Agosto de 2007

Quero sonhar com aquilo que dá inspiração; pegar carona no sonho da noite anterior e entrar ao sono buscando o impulso inspirador.

Vamos para Delfos, está a fonte da purificação e nos molhamos nela, depois tem um altar das oferendas. Alguém mostra uma pequena menina, como se a pudéssemos sacrificar, mas conversamos que nunca se sacrificavam seres humanos mas somente animais. Passamos. Mas saímos como que para um grande campo, uma explanada aberta, ao fundo pode estar o Templo.

Alguém aproxima-se e oferece presentear-me com as obras completas de Platão.

Sinto que Apolo está aí, só que não quer se mostrar. O Profundo tem esse paradoxo, não se pode agarrá-lo.

21 de Agosto de 2007

Seguir com o tema da inspiração.

Quem era Orfeu? Como eram seus Mistérios? Como faziam os órficos para ter certeza da transcendência?

26 de agosto 2007

Vigília em Sono: a Beleza

Sempre a penso visual ou de espaços, enquanto que o som – a música – a associo

com a harmonia, mas não necessariamente com a Beleza. Também me resulta Beleza o escênico, teatral.

De pé, estou ante o piso infinito, branco, liso, perfecto.

Está o Negro dando uma conferência na Sala de La Reja, cheia de gente e Dany Z. o filma. Risos, comoções, alegria. É uma situação muito bela.

27 de agosto de 2007

Continuar com a Beleza

A noite, a lua, sua luminosidade clara e fria, a imensidão dos céus. A Beleza está na luminosidade, é luz.

Cada povo faz seu processo na busca de seus valores e a estética reflete suas concepções. Em nossa cultura siloísta ainda esta em sua infância o desenvolvimento de uma estética, que se corresponda e traduza nossa Doutrina e nossa ética.

Um lago enorme, extenso, amplo. A água reflete ao céu, como espelho. À distância uma nuvem esponjosa, vou voando para ela.

24 de setembro de 2007

Quero levar Jayesh a meus sonhos.

Estou trabalhando na ONU num documento sobre diretrizes mínimas para América-Latina, discutimos e modificamos frases entre aqueles que estão fazendo a parte estatística. Sei que na cafeteria toda envidraçada está me esperando Jayesh, vestido completamente de branco.

Estamos na Oficina de Pirque com Jayesh, que está feliz com uma criança amassando a argila.

Uma luminosidade intensa anima todo o vivente. Em Jayesh aparece como uma espécie de auréola ao redor de sua cabeça.

Jayesh dorme, todo vestido de branco, muito calmo. Me aproximo e não quero despertá-lo. Ponho entre suas mãos uma flor vermelha muito linda, para que saiba que o queremos muito.

12 de Outubro de 2007:

Vigília em Sono: quero voltar a sonhar com Jayesh.

Uma clínica, médicos e enfermeiros, muitos de nós em espera, que vieram de tantos países diferentes.

14 de Outubro de 2007:

Vigília em Sono: Jayesh.

Há vento e muita gente. É como se fosse uma praia, vejo o vento levar uns tecidos. É Chapaty Beach e Jayesh está aí também.

Há uma reunião com muita gente, colocamos as cadeiras em circulo, mas Jayesh coloca a sua mais atrás, no canto. Está contente. Conversamos. A reunião vai se desenvolvendo. De repente dou meia-volta para dizer algo a Jayesh e sua cadeira está vazia.

22 de Outubro de 2007:

Vigília em Sono: Silo.

Silo nos explica que Jayesh, diferente de Salvatore, sabia que ia morrer e preparou seus atos mentais em direção transcendente. Essa forma de morrer é sumamente interessante, e essa forma de dispor a consciência em vida também.

25 de Outubro de 2007:

Vigília em Sono: aclarar que testemunho darei no filme de Jorge H. amanhã.

Paro na frente da câmara, Jorge está atrás dela, e deixo que tudo o que tenho que dizer saia e saia, como se abrisse uma janela e o ar passasse por ela.

22 de novembro de 2007

Vigília em Sono: a mística

Temos, entre vários, que cuidar de um fogo sagrado que trouxemos desde longe, transportando-o numa vasilha de barro. Passamos por terrenos pantanosos e o defendemos de agressores. Na outra margem de um rio está já a salvo e cresce desde suas chamas uma flor maravilhosa, ígnea, resplandecente, como chama de eternidade.

25 de novembro de 2007

Vigília em Sono: o Sagrado

O Negro, de uma gentileza e descrição impressionantes, com o tratamento mais extraordinário aos demais que alguém possa dar, passa rapidamente por meus sonhos como o mais coerente que conheço.

13 de abril de 2008

Vigília em Sono: cerimônia de proteção

É o sagrado aquilo que protege, ampara, vela por nosso destino.

17 de Agosto de 2008

Vigília em Sono: investigação sonhos

A autenticidade, as traduções de impulsos e a situação vital de quem sonha, são chaves para interpretar. Não se pode fazer um estudo sobre sonhos a partir de fora do sonhador.

22 de Agosto de 2008

Vigília em Sono: o espaço inspirador

O espaço quieto, detido, do pasto enorme da elipse do Hipódromo, com a luminosidade banhando-o. O que o sustenta, o suspende? Que é o que se “mostra” nessa suspensão?

6 de Setembro de 2008

Sonhar com Caucaia

A caverna da natureza com a fonte aparecendo em meio a noite, entre a neblina.

5 de outubro de 2008

Sonhar com o tema da morte

Luis Felipe e eu encontramos “sinais” de caveiras por todos os lados. Estamos num jardim e os frutos das árvores formam os “rasgos” que vemos como de caveiras.

Estamos brincando e tudo é muito lúdico. Morrerá ele ou morrerei eu? Rimos, na realidade morreremos os dois.

Rosario, sua metástase e sua dor. Escuto seu riso no sonho.

Sonho que vou morrer e me dou conta. Então busco o ponto de entrada ao

Profundo, indo para atrás, mais atrás, alto, mais alto, atrás, mais atrás e soltando-me aí, deixando-me ir aí. Não há temor, há entrega.

15 de outubro de 2008

A inspiração

Uma música extraordinária soa majestosamente nos sonhos.

17 de outubro de 2008

O jardim sagrado

Esse maravilhoso cheiro que exala todo o jardim, de onde vem? Porque envolve e inclui tudo? É como a mirada incluínte. É ambrósia, elixir sagrado.

ANEXO 2

ALGUNS SONHOS QUE FORAM DANDO CONTA DO PROCESSO EM CADA UM DOS PASSOS DISCIPLINARIOS

Passo 1

“Vejo aparecer a parede e meu Umbral no sonho. Estou sonhando que trabalho em minha Rotina.”

“Estou num jantar no qual me dão uma flor, é a flor do Passo 1, cheira a mistura de enxofre e mercúrio, do mesmo passa na Alquimia.”

Passo 2

“Amanheço com o registro do passo 2 – desse ser diminuto é um pouco como morrer; o mundo desaparece e tudo se esfuma.”

“Sou uma imagem microscópica”.

Passo 3

“Sonho que sou uma neblina dourada e luminosa que se expande e roda.”

Passo 4

“Sonho que estou num espaço, como um cenário, mas apoio a mão na parede do fundo e se transforma em outro espaço.”

“Um espaço de toldos e guarda-sóis se abre e fecha com um sistema mecânico para modificar os espaços.”

“Tenho as chaves de algo na mão, e o chaveiro pode se comprimir para ir formando um a um os 5 corpos geométricos: cilindro, cone, pirâmide, cubo e esfera.”

Segunda Quaterna

“Sonho com o casco de atrás e estou no vazio.”

“Perdi meu eu e não sei como encontrá-lo. Estou rodeada de paredes de espelhos que se refletem umas nas outras, mas não há nada ao centro exceto o reflexo.”

“Sonho que tudo passa nas bordas, nada no centro. Tudo se reforça para fora, centripetamente.”

Passo 9

“Tenho uma cerâmica azul muito especial, pequena e niveladinha, com a qual posso abrir a cúpula na que estou, como se essa cerâmica fosse um controle remoto. Assim posso sair para fora.”

“Estou saltando numa cama elástica, que se afunda com meu peso e se levanta formando uma convexidade enorme – o côncavo e o convexo – como no Passo. Sou leve, quase como no Passo, e é um prazer saltar nela.”

Passo 10

“Ponho a cabeça de outro modo e a realidade muda. Compreendo que tudo o que chamamos realidade é a natureza modificada por tantas, tantas intenções humanas. A realidade externa são as intenções humanas externalizadas. A realidade é mental. Tudo, ou quase tudo, são coisas da cabeça. Me desperto sentindo que pratiquei o Passo 10 no sonho.”

“Sonho com a explanada entre as estelas, que se vai ampliando até converterse num piso branco desde onde se pode começar a focalizar o limite e colocar a cabeça de outro modo.”

“Vejo uma partida de Tênis, os jogadores lançam a bola. Mas não os vejo desde onde estou sentada, entre as pessoas, mas sim desde um olhar envolvente que os inclui.”

Passo 11

““Il Tuffatore” do Museu de Paestum – é un ato mental similar ao do Passo 11 – atirando-se e deixando-se ir sem eu.”

“Um cão Cérbero protege a entrada ao Profundo. Suas três cabeças são a imaginação, a memória e a sensação.”

“Sonho com o Parque de La Reja. Esou na grama e me aproximo da Sala. Os muros são com o “eu”, preciso escamoteá-los para poder entrar.”

“Deixo o eu posicionado ao meio e passo por atrás sem que se dê conta”.

“Sinto duas mãos que pousam em minha cabeça, é meu Guia. Pouco a pouco as vai extendendo para atrás de minha cabeça, abrindo-as diagonalmente, como a perspectiva do Passo 11.”

“Registro a queda no profundo e estou dormindo.”

Passo 12

“O despertar interno e o completamento da Disciplina.”

“Tudo amanhece, eu também, é uma aurora muito desejada.”

“Todo amanece, yo también, es una aurora muy anhelada.”